

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ORIENTAÇÃO EM SEXO E SEXUALIDADE

*Luciana de Fátima Costa

** Celine Melo

Resumo: Este trabalho enfoca o sexo e a sexualidade dentro dos princípios de Educação Ambiental, onde o corpo é considerado o primeiro ambiente do ser humano. Envolve adolescentes do município de Rio Paranaíba, numa avaliação das condições da orientação sexual dos mesmos. Percebe-se a ausência dos pais na orientação sexual dos filhos e o repasse de conhecimentos dos docentes para os alunos de forma limitada, não permitindo a sensibilização dos adolescentes. É necessário desenvolver um trabalho de formação de multiplicadores de ações educativas em sexo e sexualidade nos diversos segmentos da sociedade, envolvendo não só adolescentes, mas pais e profissionais da educação.

Palavras-chave: Educação ambiental. Corpo. Orientação sexual. Adolescência. Família. Escola

Abstract: This work focuses on sex and sexuality according to the principles of Environment Education, which considers the body the first environment of the human being. It involves adolescents from the community of Rio Paranaíba, evaluating their conditions of sexual orientation. It can be observed that the parents absence in the sexual orientation of their children and the transmission of knowledge from teachers to students occur in a limited way which doesn't permit the adolescents sensitivity. It is necessary to develop a work of training of educational action multipliers which involves sex and sexuality in several society segments, involving not only adolescents, but also parents and professionals in education.

Key-words: Environment education. Body. Sexual orientation. Adolescence. Family. School.

1. INTRODUÇÃO

Para Patrício (1995), ambiente é a natureza física e energética, natural ou modificada pela cultura-ação. É o meio sociocultural e energético-afetivo-espiritual, representado pela família, escola, trabalho, lazer, religião, comunidade entre outros, de forma dinâmica e inter-relacionada, influenciando tudo no universo, todas as dimensões de seu espaço, essenciais à qualidade de vida. Assim, o homem também é a natureza em sua essência, expressada pelo corpo e pela mente.

É necessário que o homem conceba sua estrutura física como seu primeiro ambiente. É através dela que ele se expressa e revela sua personalidade e as influências que recebe sobre ela. Segundo Mergulhão e Vasaki (1998), a busca de qualidade de vida implica na convivência harmoniosa do homem com o meio ambiente e consigo mesmo.

Educação Ambiental é importante como meio de buscar apoio e participação dos segmentos da sociedade para a conservação e melhoria da qualidade de vida (Pádua, 1997). Permite ao homem o exercício de seus direitos de cidadão de várias formas e níveis. Ser cidadão é conhecer e respeitar limitações do seu corpo, pensamentos e atitudes. Com o autoconhecimento, o

cidadão está receptivo aos conhecimentos e poderá ser multiplicador de experiências e ações educativas para a melhoria da qualidade de vida.

Atualmente, são crescentes os casos de gravidez na adolescência e a existência de doenças sexualmente transmissíveis. Os sentimentos e valores que envolvem o relacionamento afetivo e o sexual e o diálogo familiar sobre sexo e sexualidade precisam ser repensados. As práticas sexuais confrontando com mitos, crenças e religiões, a concepção de virgindade e os papéis de gênero demonstram as disparidades entre homens e mulheres (Mello, 1994). Os fatores relacionados à adolescência precisam ser discutidos em prol de melhores condições de vida da sociedade.

Há uma fase onde todos os problemas, indagações e responsabilidades parecem vir à tona culminando com atos de rebeldia. É um tempo de descobertas e transformações físicas e psicológicas, ao qual denomina-se adolescência (Costa, 1986). O autoconhecimento através da educação ambiental, tendo o corpo como primeiro ambiente do ser humano é importante nessa época da vida.

Ao interagir com o ambiente, o jovem encontra e produz limitações para seu bem viver, sejam estas físicas, culturais ou afetivas. Uma das primeiras limitações que ele encontra no mundo é a sensação de estar condicionado a regras sociais (Santos et al., 1999). Para Miranda (1974), mesmo que a família não dialogue abertamente sobre sexo e sexualidade, é ela quem fornece as primeiras noções ao indivíduo sobre o que é adequado ou não, através de gestos, expressões, recomendações e proibições.

Não é possível substituir ou concorrer com a função da família, mas existem meios de complementá-la (Guimarães, 1995). Para Pinto (2000), a escola intervém na sexualidade dos alunos, pois transmite valores, aborda diversos pontos de crenças existentes na sociedade. A escola não deve expor opiniões que conduzam a mitos e preconceitos, mas deve problematizar e questionar a realidade e permitir a reflexão e a construção das idéias dos alunos.

A inclusão da orientação em sexo e sexualidade como um eixo transversal do currículo escolar é uma proposta pedagógica para conscientização. Na transversalidade, o conhecimento se mostra formado por múltiplos fios e nós de interconexões, sem hierarquia, com mais liberdade e infinitas possibilidades de transitar neles. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a transversalidade é um fator de urgência social e abrangência nacional, visando a possibilitar o ensino e a aprendizagem e favorecer a compreensão da realidade e a participação social.

A escola é um espaço privilegiado na implantação de ações que promovam o fortalecimento da auto-estima e do autocuidado e propicia o estabelecimento de relações interpessoais mais respeitadas e solidárias, promovendo, em última instância, a qualidade de vida (Bonato, 1996).

De acordo com Mergulhão e Vasaki (1998), praticar educação ambiental é agir localmente e pensar globalmente. Educar na área da sexualidade é educar para a cidadania, formar sujeitos autônomos, solidários, competentes e proporcionar melhoria da qualidade de vida. A concepção de educação ambiental vem se expandindo e tomando novos rumos. O meio ambiente não é visto somente como natureza e recursos naturais, mas como qualquer ambiente que interaja com o homem.

2. OBJETIVO

A finalidade deste trabalho foi enfatizar os novos rumos da educação ambiental, envolvendo o corpo como primeiro ambiente do ser humano e, assim, contribuir para que adolescentes possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Assim, este trabalho objetivou, especificamente:

- Verificar como a escola está contribuindo para a orientação sexual, analisando os próprios alunos;
- Analisar o conhecimento dos adolescentes em sexo e sexualidade, suas deficiências e suas necessidades diante da realidade apresentada pelo município de Rio Paranaíba em seus meios urbano e rural;
- Verificar como o adolescente interage consigo mesmo e com os agentes sociais ao seu redor no que concerne ao sexo e à sexualidade e assim desmistificar conceitos errados e incompletos;
- Agir em prol da qualidade de vida do município de Rio Paranaíba e incentivar ações de educação ambiental que conduzam ao exercício da cidadania.

3. METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se com adolescentes das zonas urbana e rural, de sétimas e oitavas séries, da Escola Municipal Padre Goulart e da Escola Estadual Professor José Luiz de Araújo, únicas instituições de ensino fundamental do município de Rio Paranaíba.

Inicialmente, realizou-se um pré-teste que possibilitou obter dados qualitativos e quantitativos, no qual se abordou, de forma anônima, os desejos, indagações e curiosidades dos adolescentes. Distribuiu-se uma ficha para preenchimento das seguintes informações: nome da instituição escolar, ano que está cursando, sexo, comentários, dúvidas, sugestões, opiniões, textos, etc. Obtiveram-se diferentes formas de expressão escrita dos alunos, mostrando seus sentimentos e sua intimidade, o que possibilitou diagnosticar os temas de interesse dos adolescentes.

Após isso, realizaram-se oito encontros, sendo que os dois primeiros desenvolveram-se em 12 turmas diferentes, o equivalente a 382 alunos. Diante das dificuldades encontradas em trabalhar com essa quantidade de alunos, sentiu-se a necessidade de se realizar uma seleção. Os alunos realmente interessados em participar dos encontros se inscreveram e apresentaram um termo de responsabilidade assinado pelos pais.

Como 198 adolescentes inscreveram-se, utilizou-se o critério de selecionar 3 ou 4 alunos de cada turma de acordo com as referências dadas pelos professores das escolas. Constituíram-se 2 turmas, sendo uma da zona urbana e outra da zona rural do município de Rio Paranaíba. A turma da zona urbana formou-se com 18 alunos e a turma da zona rural com 13 alunos.

Os encontros realizaram-se semanalmente. Na primeira semana, trabalhou-se o tema “Como a sociedade encara o adolescente”. Cada adolescente recebeu duas fichas para escrever qualidades positivas ou negativas verbalizadas pela sociedade para tratá-lo.

Na segunda semana, trabalhou-se o tema “Os sete pontos da auto-estima”. Para este tema, os alunos realizaram auto-avaliação, dando notas de 1 a

10 pontos, através de ficha com sete frases que representam a auto-estima (Quadro 1).

QUADRO 1 - Frases sobre auto-estima, avaliadas pelos adolescentes.

Frase contida na ficha do aluno
Facilidade de estabelecer limites e dizer não.
Tenho confiança em mim mesmo e em minhas capacidades.
Minha habilidade para defender meus pontos de vista.
Minha capacidade para expressar o que sinto por meio de palavras no momento devido.
Sinto respeito em relação à minha comunidade e minha condição social e étnica.
Sinto respeito para comigo mesmo(a).
Aceito meu corpo.

Os encontros posteriores realizaram-se fora do ambiente escolar, em uma sala da Secretaria Municipal de Saúde de Rio Paranaíba, MG. O primeiro encontro, após esta seleção, visou à interação dos adolescentes para sentirem liberdade de expor e de buscar conhecimentos. Restabeleceram-se conceitos de sexo, sexualidade e relação sexual, para desmistificar e retirar tabus e preconceitos.

A avaliação deste encontro se deu através da “Dinâmica dos olhares”, onde os adolescentes representaram o seu olhar e o olhar dos colegas em relação ao encontro. Para cada olhar representado em desenho, os adolescentes atribuíram significados (Quadro 2) para expressar seus sentimentos em relação a si mesmos e ao grupo.

Quadro 2 - Significados atribuídos pelos adolescentes para cada olhar.

Olhar	Significado atribuído
1º	Apatia pelo colega
2º	Atenção e interesse
3º	Confusão e desentendimento
4º	Contentamento e satisfação
5º	Indiferença
6º	Preguiça e desinteresse
7º	Raiva
8º	Repugnação
9º	Tristeza e decepção

No encontro da quarta semana, trabalharam-se os Sistemas Genitais de forma geral e mais especificamente o “Sistema Genital Masculino”. Aplicou-se um pré-teste através de desenhos dos órgãos genitais masculinos externos e internos, para que os adolescentes denominassem as estruturas indicadas. Após a aula expositiva e participativa sobre o tema, aplicaram-se pós-teste com o mesmo conteúdo do pré-teste. No encontro da quinta semana, o tema sobre “Sistema Genital Feminino” desenvolveu-se do mesmo modo. Os testes sobre estes temas realizaram-se através de questões abertas.

Na sexta semana, o encontro abordou o tema “Métodos Contraceptivos e Prevenção”. Aplicou-se inicialmente pré-teste com questões associativas que

permitted only errors and successes. Subsequently, a demonstrative and participatory class was developed with the adolescents. The adolescents visualized contraceptive methods through real samples, explained the correct use and discussed benefits and risks to people. After this activity, a post-test was applied with the same content of the pre-test.

In the seventh and eighth weeks, work was done on "Sexually Transmissible Diseases (STDs)". The pre-test addressed basic concepts and the behavior of these adolescents in case of infection by an STD. After this, a participatory class was held with the adolescents, where real photos of the diseases, their manifestations on the human body and the characteristics of the most common STDs were shown. Work was done on the following STDs: Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS), Hepatitis B, Syphilis, Cancer, Candidiasis, Herpes Simplex, Gonorrhea, Condyloma Acuminatum (HPV), Pediculosis of the Pubis, Inguinal Granuloma, Lymphogranuloma Venereum and infections by Chlamydia, Trichomonas, Ureaplasma and Gardnerella. In the post-test, the questions addressed the acquisition of new knowledge, the behavior of people in the face of a contamination and the conditions of treatment that the municipality of Rio Paranaíba offers to the population. All questions of the tests on STDs were open.

4. RESULTADOS

When diagnosing the needs and deficiencies of information of the adolescents of Rio Paranaíba (Figure 1), it is perceived that the most frequent theme is "Sexual relationship".

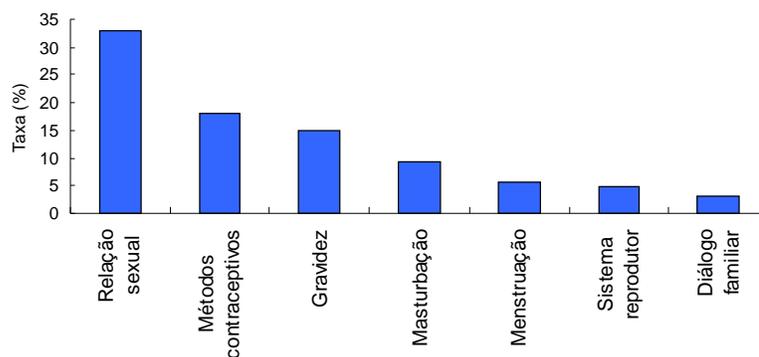


Figure 1 – Occurrence of the themes of interest to adolescents obtained through the diagnostic (n=382 students).

Analysed the expectations of the adolescents (Figure 2), where it is seen that the interest is in the acquisition of knowledge, followed by the need to rescue values.

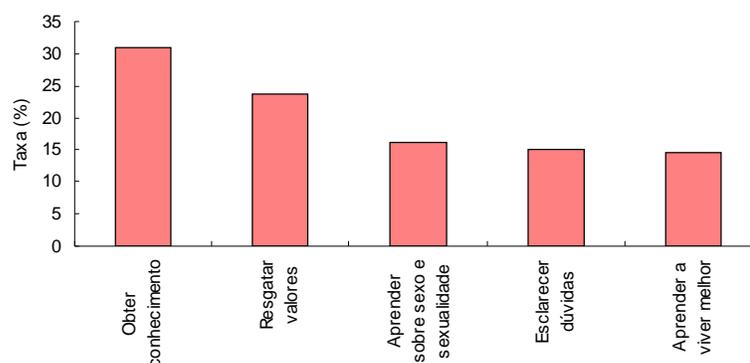


Figura 2 – Expectativas dos adolescentes em relação ao Projeto (n=367 alunos).

No primeiro encontro realizado nas escolas (n=378 alunos), sobre “Como a sociedade encara o adolescente”, os adolescentes abordaram diversos termos que a sociedade usa para tratá-los. Dos termos verbalizados pela sociedade em geral, 48,5% representavam qualidades positivas e 22,9% as negativas. Na família, ocorre o contrário: 4% representavam qualidades positivas e 25,1% negativas.

No segundo encontro, sobre “Os sete pontos da auto-estima”, os adolescentes (n=349) atribuíram notas de 1 a 10 para cada frase da ficha dada. Devido às 349 fichas obtidas, utilizou-se a técnica de amostragem, através de um sorteio, na qual se selecionou 50 fichas para análise (Tabela 1).

TABELA 1 - Auto - avaliação dos pontos de auto-estima realizada pelos adolescentes, com notas foram distribuídas entre 1-10 (n = 50).

Pontos da auto-estima	Nota atribuída pelos adolescentes (%)		
	1-4	5-7	8-10
Facilidade de estabelecer limites e dizer não	14,3	40,0	45,7
Confiança em si mesmo e nas próprias capacidades	14,3	22,8	62,9
Habilidade para defender o próprio ponto de vista	11,4	54,3	34,3
Capacidade de expressar sentimentos, verbalmente, no momento adequado	11,4	57,2	31,4
Respeito em relação à comunidade em que vive e à condição social e étnica	17,1	20,0	62,9
Respeito consigo mesmo	5,7	17,1	77,2
Aceitação do próprio corpo	5,7	17,1	77,2

Após a seleção dos adolescentes, investigaram-se novamente as expectativas dos mesmos em relação à participação no Projeto (Figura 3).

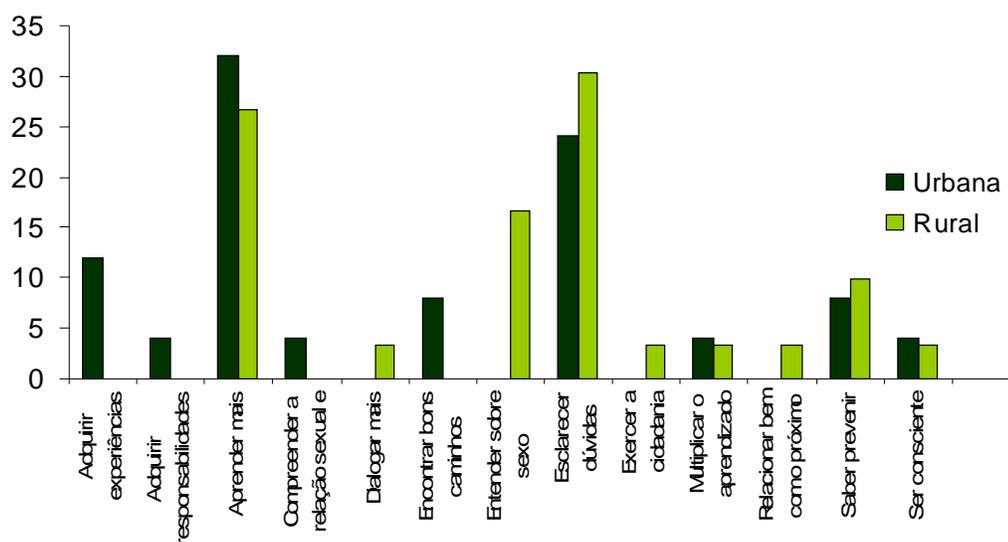


Figura 3 – Expectativas dos adolescentes das zonas rural e urbana em relação aos encontros fora do ambiente escolar (n = 18 urbanos e 13 rurais).

A dinâmica dos olhares, representativa da avaliação do encontro da primeira semana após a seleção dos alunos (Figura 4), demonstrou que os alunos das zonas urbana (85%) e rural (80%) foram atenciosos e interessados de acordo com a avaliação de si mesmos (próprio olhar).

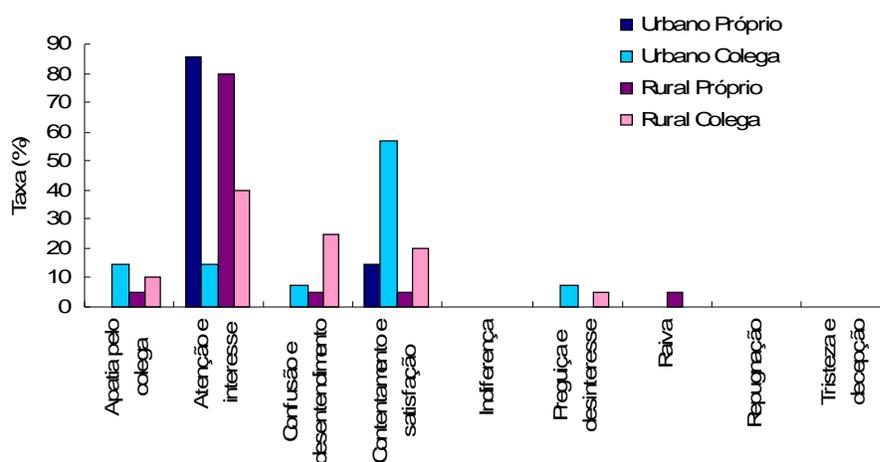


Figura 4 – Avaliação do primeiro encontro após a seleção dos alunos, através da dinâmica dos olhares, representando o próprio olhar e o olhar do colega (n = 31).

Nos três encontros posteriores (Tabela 4), desenvolveram-se os temas “Sistema Genital Masculino”, “Sistema Genital Feminino” e “Métodos Contraceptivos”, respectivamente.

TABELA 4 - Testes realizados com adolescentes das zonas urbana e rural, sobre Sistema Reprodutor Humano (n = 27) e Métodos Contraceptivos (n = 29)

Resultado	Sistema Genital Masculino			
	Urbano		Rural	
	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste
Satisfatório	19,3	65	38,2	79,2
Insatisfatório	7,7	21,6	12,5	9,2
Não respondido	73	13,4	49,3	11,6
	Sistema Genital Feminino			
Satisfatório	20,3	54,3	46,5	68,6
Insatisfatório	17	25	23,8	15
Não respondido	62,7	20	29,7	16,4
	Métodos Contraceptivos*			
Satisfatório	48,7	72,8	68,57	90,8
Insatisfatório	51,3	27,2	31,43	9,2

*Os testes sobre o tema Métodos Contraceptivos foram realizados através de uma associação, portanto não apresentam questões não respondidas.

Nos encontros da sétima e oitava semanas, buscou-se avaliar o tema “Doenças Sexualmente Transmissíveis” (Tabela 5).

TABELA 5 - Pré-teste aplicado sobre Doenças sexualmente Transmissíveis (DSTs) e comportamento provavelmente adotado em caso de contágio. (n = 28).

	Satisfatório		Não-satisfatório		Não respondida	
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural
Conhecimento sobre DST's						
Conceito de DST's	85,7	92,3	14,3	7,7	0,0	0,0
Exemplos	71,4	61,5	–	–	28,6	38,5
Formas de aprendizado	85,7	92,3	–	–	28,6	7,7
Existência de grupo de risco	57,2	84,6	28,6	7,7	14,2	7,7
Sintomas de DST's	28,6	53,8	42,8	23,1	28,6	23,1
Prevenção de DST's	85,7	100,0	0,0	0,0	14,3	0,0
Comportamento		Urbano				Rural
Contar à mãe		42,8				0,0
Contar ao namorado(a) e à família		28,6				30,8
Contar aos amigos		14,3				7,7
Mudar de cidade		0,0				7,7
Enfrentar a realidade		0,0				38,5
Manter em segredo		0,0				15,3
Questão não respondida		14,3				0,0

As respostas às questões do pós-teste (Figura 5) foram, em sua maioria, satisfatórias, ao serem desconsiderados alguns detalhes de caráter científico.

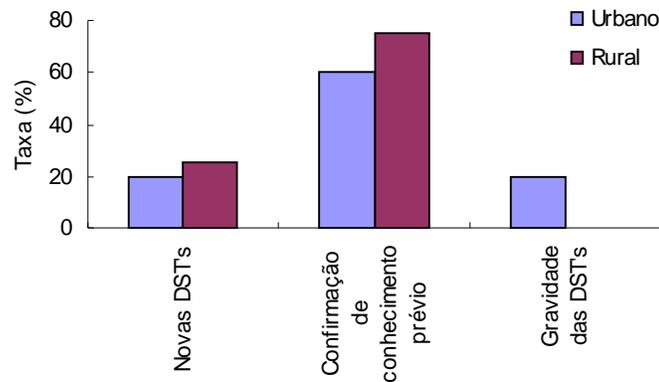


Figura 5 – Aprendizado dos adolescentes com relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) (n = 15 urbanos e 12 rurais).

Em relação ao aprendizado, os adolescentes – 80% da zona rural e 60% da zona urbana – confirmaram ter conhecimento sobre DST. 40% da zona urbana e 20% da zona rural destacaram sobre o conhecimento de novas DSTs e gravidade das mesmas.

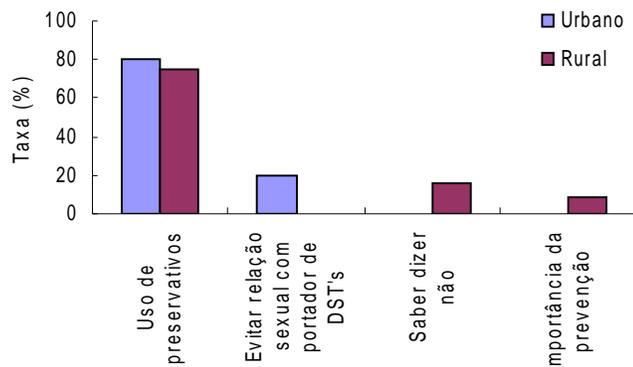


Figura 6 – Ocorrência de abordagens dos adolescentes sobre como se prevenir de uma DST (n = 15 urbanos e 12 rurais).

A maioria dos adolescentes, 80% da zona urbana e 77% da zona rural, coloca o uso de preservativos como forma de prevenir as DSTs, dentre outras. 20% da zona urbana abordaram sobre evitar relação sexual com portadores de DST e 23% da zona rural alegaram sobre saber dizer não em caso de risco e sobre a importância da prevenção.

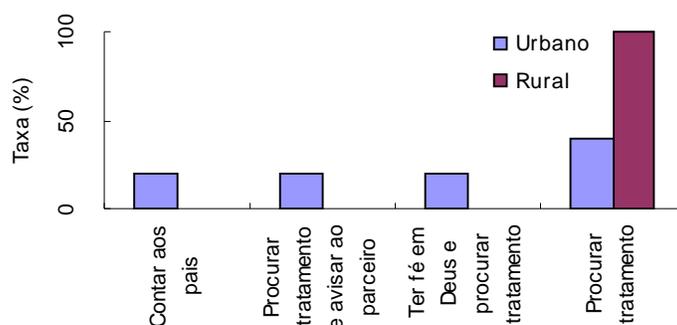


Figura 7 – Ação do adolescente diante de uma contaminação por uma DST (n = 15 urbanos e 12 rurais)

Quanto ao comportamento dos adolescentes diante da contaminação por uma DST, após o desenvolvimento do tema, perceberam-se algumas diferenças com relação ao pré-teste. No grupo da zona rural, 100% dos adolescentes abordaram que, em caso de contaminação, procurariam tratamento. No grupo da zona urbana, 45% abordaram que procurariam tratamento.

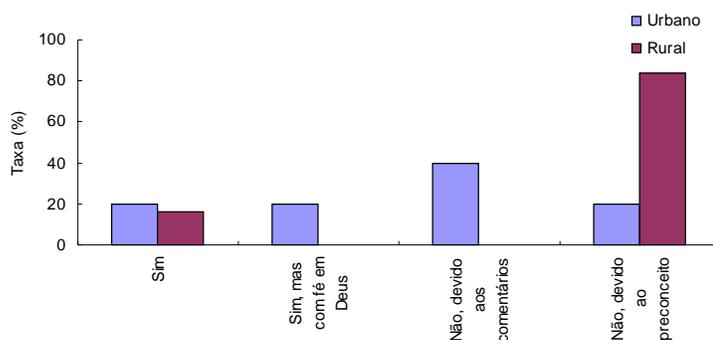


Figura 8 – Condições de tratamento de portadores de DSTs no município de Rio Paranaíba de acordo com as opiniões dos adolescentes (n = 15 urbanos e 12 rurais).

Aproximadamente 90% dos adolescentes da zona rural alegaram que o município de Rio Paranaíba não apresenta condições adequadas para o tratamento de DSTs, devido aos preconceitos que as pessoas têm com os portadores destas doenças. Os adolescentes da zona urbana alegaram em maioria (em torno de 40%) que o município não apresenta condições dignas para tratamento de DSTs devido aos “comentários” das pessoas.

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os adolescentes demonstraram a necessidade de aprender sobre relação sexual. Isso é próprio da adolescência, pois vêm em si mesmos a possibilidade de praticar sexo, o que é desconhecido e ao mesmo tempo “proibido”. A curiosidade sobre o sexo é aflorada pelos hormônios e pela mídia. Por

ser um assunto velado na sociedade, é expresso em situações de anonimato (Bonato, 1996).

Para os adolescentes, no que se refere ao diálogo familiar, a família está omissa na orientação sexual, pois não existe diálogo sobre sexo no lar. Segundo Jesus (1998), na relação cotidiana, registrou-se a dificuldade encontrada pelos pais ao lidarem com assuntos relacionados à sexualidade. Para Patrício (1990), a família, enquanto contexto físico, sociocultural, espiritual, energético e afetivo, pode ser recurso para o crescimento e desenvolvimento saudável de seus jovens, como também pode ser limitação nesse processo.

Vitello (1995) aponta para a necessidade de a educação sexual ser proporcionada pelos pais, pois cabe aos membros da família realizar ações que tendem a ser significativas para os filhos desde seus primeiros anos de vida. Para Neirici (1967), a orientação sexual não é papel para ser exercido por apenas um agente social, mas por todos os agentes que envolvem o ser humano durante toda a sua vida, agindo conjuntamente.

Ao se falar em orientação sexual, os adolescentes a reconhecem como um meio de melhorar a qualidade de vida do ser humano. Mas, quando se fala, especificamente em sexo, os adolescentes apresentam conceitos deturpados pela sociedade (Bruns et al., 1995). Isso é consequência de informações erradas que cercam o jovem, colocando o sexo como algo incomum e até sobrenatural e fora dos limites carnis e espirituais do ser humano (Bonato, 1996).

A representação social da adolescência, que ainda impera na sociedade, costuma caracterizar a figura do adolescente, em graus variados, como um ser questionador, impaciente, “do contra”, irreverente, rebelde, com inconstância de humor, expressando depressão e euforia num mesmo período (Jodelet, 1984).

Na reflexão realizada sobre os sete pontos da auto-estima, os adolescentes revelaram estar conscientes de seus pensamentos e de suas atitudes. Percebeu-se que não se sentem seguros ao expressarem suas idéias, pois, para eles, a sociedade não apresenta receptividade para com o adolescente. Para Branden (1996), auto-estima é a confiança na capacidade para pensar e enfrentar os desafios da vida.

No meio dos adolescentes, é preciso cultivar o sentimento de buscar a melhoria da qualidade de vida. É preciso trabalhar mais com os adolescentes sobre a questão comportamental e sobre os valores humanos que giram em prol de uma vida melhor. É notável que a zona urbana foi direta ao falar sobre o entender sobre sexo, demonstrando suas reais expectativas. A zona rural relacionou mais os encontros com a melhoria de qualidade de vida, ao falar de prevenção, cidadania e consciência. Nos encontros realizados após a seleção dos adolescentes, perceberam-se, nos dois grupos, através da revelação de mitos, preconceitos e fantasias em torno do sexo, o que as pessoas conceberam sobre sexo e sexualidade ao longo da história da sociedade.

As famílias rurais divergem muito das famílias urbanas, pois preservam alguns valores tradicionais da sociedade, baseados no regime patriarcal. Tratam a orientação sexual, em sua maioria, como algo proibido e que não deve ser exposto às pessoas. Na zona urbana, também existe tradição, mas os valores familiares não são respeitados como na zona rural. Neste trabalho, a zona rural, mesmo

diante das condições em que vive, sempre ultrapassa os conhecimentos da zona urbana.

Na perspectiva de Schütz (1974), o conhecimento cultural recebido dos antepassados é aceito pelo homem no mundo da vida como indiscutível até que se prove o contrário. O ser humano expressa e interpreta as situações do dia-a-dia a partir do que ele aprendeu desde o nascimento. A maneira como os jovens da zona urbana e da zona rural vivem está relacionada com a aprendizagem dos mesmos.

Os profissionais da área de educação de Rio Paranaíba alegam que os adolescentes da zona rural são mais responsáveis e comprometidos com os estudos. Não deturpam tanto as questões relacionadas ao sexo e à sexualidade, sendo isso proveniente do seu modo de vida e da forma como são educados pela família.

Na dinâmica dos olhares, os adolescentes relacionaram corretamente as figuras dos olhares com os sentimentos. O ser humano realmente tem maior facilidade em apontar e reconhecer os erros dos outros e dificuldade em assumir os próprios erros.

Nos encontros nos quais se trabalhou sobre Sistema Reprodutor Masculino e Feminino e sobre Métodos Contraceptivos, há uma confirmação dessas disparidades de valores entre zona urbana e zona rural. As informações que os adolescentes da zona rural possuíam sobre estes temas, antes dos encontros, é em maior proporção do que a zona urbana. Os dados demonstraram que o adolescente da zona rural, mesmo com as condições de vida que apresenta, retém mais conhecimentos do que a zona urbana.

Ao desenvolver o tema sobre sistemas genitais, percebeu-se que os conhecimentos prévios dos adolescentes não condiziam com os conteúdos escolares já repassados, pois as questões do pré-teste foram em maioria não respondidas. É importante ressaltar a necessidade do educador estar preparado para associar os conteúdos de suas disciplinas à realidade do aluno.

Ao trabalhar sobre os métodos contraceptivos, utilizaram-se exemplares reais. Para Santos Júnior (1999), ter acesso ao método contraceptivo eleito, para o uso de forma regular, é uma característica importante da estruturação de um sistema de planejamento familiar; muitas vezes, o método contraceptivo pode estar disponível, mas o adolescente não sabe como usá-lo corretamente.

Ao abordarem os conhecimentos que possuíam sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), os adolescentes da zona rural demonstraram intimidade com o tema. Percebe-se uma forte relação entre o perigo e a família como refúgio, principalmente entre os adolescentes da zona urbana. Outros adolescentes ainda abordaram sobre a possibilidade de contar a amigos, manter segredo e até mesmo mudar de cidade como forma de reagir ao contágio de uma DST, revelando o preconceito que as pessoas têm em relação às DSTs.

Nenhum dos adolescentes, de ambos os grupos, comentou sobre a procura de orientação médica ou tratamento para solucionar a questão. Eles concebem a DST como uma doença quase que incurável proveniente de algo “sujo” que é a relação sexual.

Após o desenvolvimento do tema “Doenças Sexualmente Transmissíveis”, a maioria dos adolescentes, tanto da zona urbana quanto da zona

rural, apenas confirmaram conhecimento prévio sobre DSTs. O que se trabalhou sobre DSTs nestes encontros, envolvendo os sinais, sintomas, tratamento e prevenção, não foi novidade para a maioria dos adolescentes. Estes alegaram já terem conhecimento sobre o que o indivíduo necessita saber sobre essas doenças. Os dados do pós-teste demonstraram que os adolescentes, principalmente os da zona rural, captaram corretamente sobre a ação que deve ser tomada em caso de suspeita de estar portando uma DST. Os adolescentes da zona urbana, em sua maioria, também demonstraram ter a atitude correta, mas alguns adolescentes não se desprenderam do que abordaram no pré-teste.

A realidade mostra que os adolescentes estão preocupados com os possíveis comentários da sociedade em geral, no caso das pessoas do município de Rio Paranaíba, com relação a um portador de DST. Muitas pessoas deixam de procurar tratamento, fazer exames preventivos, devido ao constrangimento conseqüente da falta de conscientização das pessoas. Muitas doenças, não somente as transmitidas por via sexual, têm repercussões epidemiológicas em nível regional, nacional e até mundial. Os adolescentes demonstraram que não têm muito conhecimento do que é fornecido pelo município em termos de prevenção e tratamento de DSTs, talvez até por falta de divulgação dos órgãos responsáveis. Dias e Diaz (1999) comentam que os problemas derivados do exercício da sexualidade estão sinalizando claramente a necessidade de aumentar o acesso dos jovens a serviços especificamente dedicados a atendê-los, estando estes capacitados para o atendimento integral aos problemas de saúde reprodutiva, incluindo contracepção e prevenção de DST e AIDS.

O modo de educar para a sexualidade ainda permanece o contexto social dos pais, em suas interações com os adolescentes e a realidade social destas pessoas, frente à educação sexual, permanece tendo como base crenças sobre as questões sexuais que constituem o acervo de conhecimento social nessa área. A tomada de consciência, pelas pessoas, ou seja, a transformação de seus projetos existenciais em ato presente vivido, na intersubjetividade das relações sociais e as questões sexuais poderão levar à transformação social frente à sexualidade e à educação sexual (Schütz, 1974).

O papel da escola neste contexto deve ser bem referenciado, pois, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a orientação sexual deve ser abordada como um tema transversal, que deve ser abordado a qualquer momento e em qualquer disciplina na escola. Vê-se uma teoria que responsabiliza a escola por orientar sexualmente, mas que não a prepara para tal tarefa.

O governo entrega à escola pública algo que não tem condições de efetivar, pois está limitada ao se considerar a qualidade de seus recursos humanos. Os professores não se prepararam ao longo de sua graduação para serem orientadores sexuais e não sabem ou têm dificuldades em aplicar conhecimentos de sexo e sexualidade em disciplinas de matemática, português, história e até mesmo de ciências, entre outras. Nesse contexto, a realidade observada contradiz o conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As escolas precisam trabalhar com transversalidade sobre a orientação sexual, oferecendo um espaço efetivo para que ocorram debates sobre saúde reprodutiva e sexualidade de forma continuada. O educador precisa estar preparado para orientar em sexo e sexualidade.

Fernandez (1996) reafirma que o educador ensina mais por suas atitudes do que pelas informações que passa para seus alunos, isso porque considera que na educação sexual existe implicação do modo pessoal de considerar a sexualidade, tornando positivo ou negativo, segundo o ponto de vista de cada um. Assim, o modo de considerar as questões sexuais poderá inibir ou permitir a livre expressão do assunto. Se o educador coloca-se frente à sexualidade com “uma atitude essencialmente afirmativa, seus principais esforços estarão dirigidos para propiciar à expressão da sexualidade como um aspecto gostoso e positivo da vida”.

Assim, a orientação sexual, é indispensável à formação cidadã do adolescente. Todos os segmentos da sociedade revelam o sexo a todo o instante. É preciso que as pessoas estejam conscientes e saibam absorver as informações de forma construtiva para o bem-estar social. O sexo é um fenômeno que sempre esteve presente na história humana, sua realidade é imutável. Portanto, deve ser visto como algo inerente ao ser humano, de maneira natural e desmistificadora.

A discussão da sexualidade na escola, a despeito de ser realizada numa abordagem mais abrangente, incluindo aspectos preventivos, de prazer, de comunicação interpessoal ou qualquer outro aspecto, deve considerar as necessidades e a intencionalidade das pessoas mais diretamente envolvidas nas ações de educação sexual que são os pais e os adolescentes. Todos, trabalhando em conjunto, possibilitam a formação de cidadãos conscientes, solucionam os problemas decorrentes das informações errôneas e aumentam a qualidade de vida da sociedade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONATO, Nailda Marinho da Costa. Educação Sexual e Sexualidade: o velado e o aparente. 1996. Disponibilidade de acesso: <
<http://www.geocities.com/athens/lthaca/9565/tese/indicee.html>>. Acesso em: 13 Jul. 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, 1998.

CAVALCANTI, R. da C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. Revista Brasileira de Sexualidade. Humana. v.4, n. 2, p. 164-73, 1993.

COSTA, Moacir. Sexualidade na Adolescência: dilemas e crescimento. Porto Alegre: L & PM. 6 ed.1986. 176 p.

DEMO, P. Cidadania tutelada e cidadania assistida. São Paulo: Autores Associados, 1995.

DIAZ, J., DIAZ, M. Contracepção na adolescência. In: BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Política de Saúde. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: 1999. v.1, p. 249-257.

GUIDDENS, Antony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GUIMARÃES, Isaura. Educação Sexual na Escola: mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras. 1995. 128 p.

JODELET, Denise. Représentations sociales: phénomènes concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. Psychologia sociale. Paris: PUF, 1984.

MELLO, Humberto. Viver bem em tempos de AIDS. Brasília: Santa Casa. 1994. 130 p.

MERGULHÃO, Maria Cornélia; VASAKI, Beatriz Nascimento Gomes. Educando para a Conservação da Natureza. São Paulo: Educ. 1998. 139 p.

MIRANDA, Heloísa de Resende Pires. Nossos filhos e seus problemas. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais. 1 ed. 1974. 240 p.

NICHOLS, Sallie. Jung e o tarô: uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1991

PADUA, Suzana Machado (Org.); TABANEZ, Marlene Francisca (Org.). Educação Ambiental, caminhos trilhados no Brasil. Brasília: Ipê. 1997. 283 p.

PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo. Uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995. Tese (Doutorado em Enfermagem). Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFSC, 1995.

PINTO, Terezinha; TELLES, Izabel da Silva. AIDS e Escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS. São Paulo: Cortez. 2000. 176 p.

SANTOS JÚNIOR, José Domingues. Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade. In: BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Política de Saúde. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília, 1999. v. 1, p. 223-29

SANTOS, Vera L. dos; SANTOS, Cleide E. dos. Adolescentes, jovens e AIDS no Brasil. In: SCHOR, Nélia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa; BRANCO, Viviane Castelo (org.). Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. p. 230-48.